NO AUDITÓRIO DA GULBENKIAN

O RECITAL DE RUBINSTEIN

COM OBRAS DE CHOPIN

TEVE ÊXITO EXTRAORDINÁRIO

Grande acontecimento musical e artístico o ocorrido ontem à tarde no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian com a presença eminente do grande artista do piano que é Artur Rubinstein, levando para uma verdadeira multidão de ouvintes — lotação arqui-esgotada, não tão formoso como funcional auditório.

Um soberbo êxito, ob todos os pontos de vista e um esplendoroso momento neste como que interregno musical entre uma temporada que acaba e outra que se avizinha — uma

Rubinstein trocando impressões com o dr. Azeredo Perdigão

certeza e uma interrogação: que este belo momento agora vivido seja antecipador e caracterizador do que em boa hora possa vir, decerto certamente o voto de todos quantos o viveram com tão profunda penetração como fundamentado saberá Arthur Rubinstein com esta sua presença de agora entre nós e com a afirmação que veio fazer — mais uma à contar entre tantas — da perenidade do génio chopiniano, do qual é inteiramente no uno, amplo sentido do vocábulo, veio mais uma vez lembrar a nobreza e as infinitas possibilidades musicais do instrumento de que é mestre incontestado e de como, por seu intermédio, se pode ser levado às regiões quase proibidas da beleza natural e pura.

Do seu recital Chopin ficaram a pairar no ambiente do Grande Auditório recordações e resonâncias que só os grandes artistas — os grandes músicos podem gerar ou motivar.

Arthur Rubinstein, que o público bem conhece e admira — um gigante do teclado, um músico excepcional, dotado de uma sensibilidade requintada e de um poder de penetração dos textos que permite a sua reviverência total — deteve-se todos na magnífica e caleidoscópica garatonom contida no belíssimo programa organizado, uma tarde de música de piano, de música de Chopin.

Da sublimidade da «Fantasia» em fá menor, ao recorte e expressividade das quatro pequeninas poemas que são os «Prelúdios» interpretados à genialidade do enlocamento do ritmo com o subsistente poético das ministurais obras-primas de todos conhecidas por «mazurkas» — Rubinstein, recreou duas — e a tão palpitante e viva «Polaca» op. 44, em fá sustenido menor, da «Ballade», e Rimicos «Baladas» op. 23, em sol menor, ao fantástico poético da op. 47, em lá bemol maior, do expressivíssimo «Nocturno» interpretado, à vivência total absoluta nos seus aspectos épicos, triunfais ou líricos da «Polaca» op. 53, em lá bemol, foi todo um escorrer permanente de música na sua mais clara, fresca e tocante materialização.

Uma tarde de arte digna do compositor e do seu intérprete e do local onde se efectuou.

Redundante é dizer que o grande artista escutou ovações intermináveis; três extra — dois de Chopin e um de Chabrier — foram lógico e natural encerramento desta tão brilhantíssima como rara manifestação. — E.